

CEN NO CONNEB:

De 29 à 31 de Janeiro todos os delegados das Entidades filiadas ao CEN estarão, impreterivelmente, participando do CONNEB, que será realizado em Belém.



NESTA EDIÇÃO:

Até Oxalá vai a guerra	2
Intolerância Religiosa	2
LGBT	3
Mulheres Negras	3
Quilombola	3
Juventude	4

Por que participamos do FSM

O Coletivo de Entidades Negras participa e acredita no Fórum Social Mundial (FSM) por entender que a Carta de Princípios do mesmo, está em conformidade com as nossas ações ao expressar em seu 1º artigo o seguinte posicionamento: “ O FSM é um espaço aberto... de entidades do movimentos da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital...”

Para nós do CEN, que temos como principal premissa a luta contra o racismo e toda e qualquer forma de discriminação e intolerância, o FSM torna-se um espaço vital para troca de experiências e informações que venham a manter acesa a chama do panafricanismo, como também a possibilidade de fortalecimento de uma frente internacional de diálogos contra o imperialismo, o posicionamento

racista e não ecológico das grandes corporações internacionais e dos estados internacionais que através de falsas democracias e governos totalitário-reacionários vem sustentando o establishment capitalista e seu rastro de dor e desesperança.

Assim como o FSM, nós do CEN acreditamos que “um outro mundo é possível”.

Coordenação Nacional do CEN.

2009 - O ano da desesperança?

O ano de 2008 terminou com um dos eventos simbólicos mais importantes da história que foi a eleição de Barack Obama à presidência dos Estados Unidos. Filho de pai queniano e de mãe americana anglo-saxã, Obama rompeu as fronteiras da cor nos EUA e com um discurso moderado sobre a questão racial tornou-se uma onda de modernidade que foi além de seu próprio país, transformando-se num símbolo de esperança para todo o mundo.

A eleição de Obama se dá num momento onde três graves crises ameaçam a humanidade e o futuro do planeta: a crise econômica, a crise dos combustíveis e a crise do meio ambiente. Cada crise como esta em separado já provoca grande impacto, juntas são praticamente uma hecatombe. Como se não bastasse, nos últimos dias de 2008, Israel declara guerra

ao Hamas e invade novamente a faixa de Gaza, o que se vê são mortes de velhos e crianças todos os dias num tormento sem fim que atinge a todos e todas nós como um soco no estômago.

No continente africano as coisas não são diferentes. A crise em Darfur, no Sudão, só vem aumentando e já são milhões os números de refugiados vítimas de uma guerra insana onde as principais vítimas são as crianças e as mulheres objeto dos mais repulsivos desejos primitivos que uma guerra como esta pode despertar.

Enfim, o momento não é dos mais felizes.

O Coletivo de Entidades Negras (CEN), tendo como premissa básica sua atuação como entidade de base, não pode, no entanto, deixar de olhar o mundo e pensar em como interagir com

estes acontecimentos todos. Focar uma ação na defesa do meio-ambiente, seja pelo viés da juventude, das mulheres e das religiões de matrizes africanas é um dos caminhos possíveis.

No momento em que o CEN encontra-se participando do Fórum Social Mundial, caberá aos seus militantes atuarem no sentido de construir alianças em nível internacional, dialogar com organizações de outros países, constituir e participar de redes que promovam interlocuções as mais variadas pois será desta forma que o CEN se consolidará em nível local, a partir de uma forte ação internacional que possibilitem à sua militância olhar o país de fora, a partir do olhar constitutivo do próprio CEN.

Márcio Alexandre.

Coordenador Nacional de Política Institucional do CEN

"UMA HISTÓRIA DE RACISMO E INTOLERÂNCIA RELIGIOSA"

"Toda pessoa tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição."

Até Oxalá vai à guerra na programação do FSM

Sinopse: As ações violentas executadas pela Prefeitura de Salvador através da demolição do Terreiro Oyá Onipó Neto conduzido por Mãe Rosa da Avenida Jorge Amado, surpreenderam negativamente por configurar um ato de intolerância Religiosa.

Salvador, a capital da Bahia é uma das cidades que tem o maior número de templos religiosos de todo o mundo, incluindo igrejas católicas e evangélicas, centros espíritas, casas de umbanda e terreiros de candomblé. É também a

cidade que possui a maioria dos seus habitantes negros, mas onde o racismo em sua diversidade e sutileza acaba tendo ações devastadoras. Da educação e moradia, até o emprego e religiosidade sem esquecer o genocídio da população negra. O estado tem uma função fundamental na manutenção de tudo isto. Se o Brasil é o país mais aberto do mundo a todas as religiões e crenças, Salvador é a expressão máxima desta qualidade principalmente pela forte influência e presença das tra-

dições oriundas da África. Nada justifica nos dias atuais ações como esta que causaram danos muito sérios a toda uma construção espiritual de muitos anos e que tiveram então a resposta enérgica e necessária do povo de candomblé. Oxalá vai a Guerra, e todo o Povo de Axé também, sempre que for necessário!

Dia: 01/02

Local: Cinema da UFRA

Horário: 11h10 às 12h

Liberdade Religiosa para um mundo melhor

Em pleno alvorecer do século XXI não se observa nenhuma alteração mais profunda no que se diz respeito a paz e à garantia de liberdade religiosa, como consta no Artigo XVIII da Declaração Universal dos Direitos Humanos que roga: "toda pessoa tem direito a liberdade de pensamento, de consciência e de RELIGIÃO."

Entretanto, enquanto escrevo estas linhas, conflitos étnico-religiosos explodem como mísseis nas cabeças dos muçulmanos palestinos enviados por judeus israelenses no Oriente Médio. Lembrando as Olimpíadas da China assistimos a tocha olímpica ser apagada em sinal de protesto por pessoas aliadas a causa dos monges budistas tibetanos em contrapartida ao governo chinês. Sem esquecer da destruição do Afeganistão, "celeiro de fundamentalista religiosos", pelos mísseis "dos fundamentalistas do capitalismo" norte-americano, ou seja, diversas guerras no mundo foram e ainda são resultado da Intolerância Religiosa, alia-

da ao interesse do capital. No Brasil às Religiões de Matrizes Africanas passam por situação similar, no passado foram perseguidas pelos católicos e atualmente são demonizadas em canais de televisão e emissoras de rádio por igrejas neopentecostais, que em busca de aumentar o seu rebanho e o seu capital pregam discursos absurdos contra uma religião que valoriza o meio-ambiente, o respeito a diversidade religiosa, não demoniza outras religiões nem faz proselitismo. Fortalece o poder do negro, da mulher, do homossexual e dos portadores de necessidades especiais.

O racismo aliado ao desrespeito religioso tem feito inúmeras vítimas no Brasil, ao ponto do dia 21 de janeiro ter se transformado no Dia Nacional de Combate a Intolerância Religiosa depois que uma lalorixá (Mãe de Santo) veio a falecer vítima deste tipo de desrespeito.

O CEN atua no combate ao Desrespeito Religioso e o fortalecimento das Religiões de Matrizes Africanas, seguindo os princípios

da Conferência de Durban, agindo de modos que vão desde o incentivo de Caminhadas Políticas em Defesa das Religiões de Matrizes Africanas em todo o Brasil, como da confecção de cartilhas e vídeos de conscientização, através de parceria com Ministério Público Estadual e Federal, através da confecção de documentação de Terreiros de Candomblé, do mapeamento de terreiros, feiras de saúde, fortalecimento de relações institucionais com o executivo, legislativo e judiciário, com ações reivindicatórias em todo território nacional, a exemplo do monitoramento de casos de Intolerância Religiosa em todo o Brasil que resultou em uma Audiência Pública no Senado Federal onde foi entregue um dossiê solicitando uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) para tratar de tema tão vital e que tem gerado conflitos étnico-religiosos extremos em todo o mundo.

Marcos Rezende.

Coordenador Geral do CEN

O CEN, o FSM e a comunidade LGBT



Os avanços para a Comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) em

diferentes continentes, também nas Américas, impulsionam a possibilidades de consolidação de direitos no Brasil. Mesmo com a realização da I Conferência de Políticas Públicas para LGBT, ainda pessoas não héteros, com identidade ou orientação sexual diferentes da maioria, estão desprovidas de reais vivências do que é cidadania, do que é liberdade de expressão ou direitos. Social e

economicamente têm seus caminhos alterados ou mesmo podados historicamente, por esta restrição de garantias constitucionais e de direitos humanos.

O CEN – Coletivo de Entidades Negras, que conta com ações internacionais e consolida-se no MERCOSUL, de forma corajosa e pioneira no MN, estabelece a Diretoria da Diversidade, encampando objetivos e diretrizes que apontam para o combate da homofobia, do racismo, sexismo e intolerância religiosa, baseando suas ações na realidade crua que apontam para acesso restrito especialmente, aos afrodescendentes.

A participação em espaços políticos e de

demanda essencialmente sociais, como FSM, CONNEB, Conferências, Conselhos e Fóruns, pautando e defendendo estas bandeiras, servem para explicitar e consolidar a imagem do CEN e de seus integrantes no enfraquecimento de pragas oriundas do liberalismo e da condução de políticas públicas por grandes corporações, com interesses que são destoantes daqueles necessários à para uma sociedade que conviva e respeite a Diversidade.

Renildo Barbosa.

Diretor Nacional de Diversidade do CEN

Mulheres Negras

Embora se esteja vivendo os primórdios do terceiro milênio, e a luta por transformações nas relações de gênero, de raça/etnia e de classe social tenham atingido avanços significativos, ainda é preciso lutar para que as modificações se efetivem. O retrato formulado pelas estatísticas ainda é preocupante, revelando através de número a dura realidade da desigualdade, em nosso país. Esta perversa realidade é responsável pela situação de vulnerabilidade em que se encontra a maioria das mulheres negras brasileiras.

Ressalta-se que a situação sócio-econômica, política e cultural das mulheres negras, no

geral, é ruim, encontramos-nos abaixo da linha da pobreza, possuímos uma baixa escolaridade e estamos em situação de exclusão social. Além das violências já citadas, as mulheres negras são agredidas pela violência ideológica que se manifesta na negação da sua identidade, somos vítimas de exploração sexual e comercial da nossa imagem, principalmente nos meios de comunicação.

O CEN tem como objetivo promover iniciativas e fornecer mecanismo para que as mulheres negras possam ser protagonistas nas discussões relacionadas aos direitos humanos, raça/etnia, educação e saúde,

contribuído assim com a formação política e garantindo o seu fortalecimento pessoal, social e político.

Na nossa jornada já realizamos caminhadas no dia 25 de julho, Dia da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha, oficinas de formação em ocupações para as mulheres do Movimento por Moradia, participação ativa no conselho da mulher e audiências públicas voltadas para abertura de Delegacias de Atendimento a Mulher e aplicação da Lei Maria da Penha.

Lindinalva de Paula.

Coordenadora de Formação do CEN

Quilombola, uma questão distante a ser solucionada

Ao longo dos anos, vimos a luta dos quilombos no Brasil e percebemos o quanto precisamos ampliar nossos conhecimentos a esse respeito.

Embora o Maranhão seja o estado onde mais se concentra quilombos no Brasil com 527 distribuídos em 134 municípios, a luta diária da maioria dessas comunidades é marcada por conflitos que envolve seus territórios e pelo descaso do poder público em não ter um outro olhar com quem

realmente construiu esse país, o povo negro. Mas apesar de tantos anos de sofrimentos e luta por seus direitos, a inércia pública não tirou dos quilombolas alegria de viver, prova disso é o Tambor de Crioula, um símbolo de resistência cultural das comunidades maranhense.

Entretanto o CEN prioriza objetivar o fortalecimento das comunidades quilombolas, visando resgatar os aspectos históricos, a valorização de suas cul-

turas, hábitos e costumes, a afirmação da religiosidade de matriz africana dentro e fora da comunidade como também meios de tornar os territórios quilombolas auto sustentáveis através de suporte técnicos com projetos que venha contribuir na sua formação sociocultural.



Cristina Miranda.

Coordenadora CEN/Maranhão



Rua das Laranjeiras, 14 / 1 andar
Pelourinho - Salvador / BA
E-mail: cenbrasil@cenbrasil.org.br
URL: www.cenbrasil.org.br

Juventude Negra

Dentro da formação da nação brasileira, a população negra sempre esteve a margem do país. Sustentando uma divisão racial que restringe a situações de risco, a falta de moradia digna, de emprego, em situação de vulnerabilidade e violência urbana..

Ao longo dos anos a população negra contribuiu de forma direta na formação deste País com diversos aspectos que compõe a diversidade identitária nacional. Mas nada disto modificou a realidade discriminatória que o negro/a vive, tornando necessário travar uma grande luta de afirmação e superação dos mecanismos sociais, econômicos, culturais e religiosos que historicamente têm levado à negação sistemática da dignidade e dos direitos da população negra; negação que se traduz, ainda hoje, em racismo aberto ou disfarçado, em exclusão e subordinação sócio-racial e em discriminação na inserção laboral, na qualidade e na abrangência da formação escolar, nas relações cotidianas e na ocultação dos valores, expressões e cultura desta população.

A juventude negra vêm sendo atuante olhando para sua própria realidade discutindo os seus principais problemas propondo caminhos de políticas públicas que viabilize o reconhecimento das problemáticas e demandas desta juventude, trazendo ideologicamente o resgate e preservação de todo legado ancestral e buscando seus direitos de forma veemente e orgânica num intuito de combater o racismo que os mantém refém de um sistema excludente e capitalista.

E o Coletivo de Entidades Negras vêm valorizando, dando voz e apoiando esta juventude no intuito de fortalecer e capacitar este protagonismo, formando lideranças empoderadas para atuar na formação de outros agentes não só nos espaços de Movimento Negro, mas em todas as esferas da sociedade. A juventude do CEN vem atuando nas escolas públicas com o cursinho pré-vestibular, com juventudes de comunidades tradicionais: Juventude de Terreiros e Juventude Quilombola, fazendo o recorte de gênero por entender que a realidade da jovem mulher negra tem suas peculiaridades, com inserção na articulação de jovens feministas e na REDLAC (Rede Latino-Americana e Caribenha de Jovens pelos Direitos Sexuais e Reprodutivos). Nossa juventude têm representação em outro país buscando o dialogo pan-africanista no intuito de fortalecer estas ações coletivando os elementos essenciais para o bem comum e direitos iguais como assegura a própria constituição do País.

Em maio de 2008 O CEN realizou o primeiro encontro nacional de juventude negra como estratégia de consolidar estas ações a nível nacional, pois é política do CEN disseminar esta realidade para que o comprometimento seja de todo/as negros ou não negros, mas sim de todos os seres humanos que acreditam que um outro mundo é possível.

Rebeca Tárique

Diretora Nacional de Juventude do CEN

Coordenador Geral

Marcos Rezende

Coordenador Nacional de Política Institucional

Marcio Alexandre M. Gualberto

Coordenadora Nacional de Formação

Lindinalva de Paula

Coordenador Nacional de Saúde

Ademir dos Santos

Coordenadora CEN/PE

Lindacy Assis

Coordenadora CEN/MA

Cristina Miranda

Coordenadora CEN/SP

Latoya Guimarães

Coordenador CEN/DF

Francisco Nguzentala

Coordenadora CEN/MG

Makota Djanganga Kiamaza

Coordenadora CEN/RJ

Aduni Benton

Coordenadora CEN/AP

Swane Brasão

Coordenador CEN/PB

Paulo Nóbrega

Coordenador CEN/AL

Olegário Venceslau

Coordenador CEN/PR

Márcio Marins

Diretoria Nacional GLBTT

Renildo Barbosa

Diretoria Nacional de Juventude

Rebeca Tárique